



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/meninos-peixes/>

MENINOS-PEIXES: o silêncio do mundo como um convite a novos olhares para a Baía de Guanabara

Vitória Holz[1]

Fabíola Fonseca[2]

RESUMO: Este texto é um ensaio filosófico e poético que tem como intuito despertar novos olhares para a Baía de Guanabara, localizada no Estado do Rio de Janeiro. Os meninos-peixes, conceito que desenvolvemos aqui, nos ajudam a delinear melhor as perguntas que precisamos fazer nesses tempos de mudanças climáticas. São com e por eles que fomos movimentadas e deslocadas para pensar na forma como nossas subjetividades são forjadas e moldam nossos modos de olhar as paisagem de modo mecânico, linear. Partimos do argumento que os meninos e os peixes que pulam de tempos em tempos nas águas da baía garantem e sustentam, com essas composições, a vivacidade do lugar. Foi precisamente isso que conduziu esta escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Baía de Guanabara. Mudanças climáticas. Meninos-peixes.

BOY-FISHES: an invitation to new perspectives on Guanabara Bay

ABSTRACT: This text is a philosophical and poetic essay aimed at awakening new perspectives on Guanabara Bay, located in the state of Rio de Janeiro. The boy-fishes, a concept we develop here, help us better outline the questions we need to ask in these times of climate change. It is with and through them that we were moved and displaced to think about how our subjectivities have forged and shape our ways of viewing the landscape in a mechanical, linear way. We start from the argument that the boys and the fish that leap from time to time in the waters of the bay ensure and sustain, with these compositions, the liveliness of the place. It was precisely this that guided this writing

KEYWORDS: Guanabara Bay. Climate change. Boy-fishes.



Palavras iniciais...



O que trazemos para este texto é um pequeno fragmento da pesquisa realizada pelo Observatório do Museu do Amanhã. Vale ressaltar que em 2025, o Observatório foi reposicionado por Fabíola Fonseca, deixando de ser um divulgador dos dados referentes às mudanças climáticas para ser um



espaço de pesquisa e experimentação com aquilo que atravessa e compõe a paisagem climática. Entre tantas proposições importantes, decidimos nos aproximarmos da Baía de Guanabara, local onde o Museu do Amanhã está instalado, a partir de conversas com quatro pescadoras que atuam há várias gerações na baía. Com isso tivemos a oportunidade de compreender melhor os conhecimentos que compõem a ciência da pesca, criados por essas pessoas que experimentam diariamente a Baía de Guanabara e que precisam se dedicar a olhar, a cuidar e a aprender a compor com ela. As conversas foram transformadas em episódios de uma temporada de podcast, disponível em todas as plataformas de áudio, intitulado *Cartas à Baía de Guanabara*. Em cada episódio, nos deixamos ser levadas pelas palavras das pescadoras e, a partir dos relatos delas, fomos criando uma simbiose com discussões pertinentes com essa crise socioambiental e climática que estamos enfrentando. Os *meninos-peixes* surgem dessa pesquisa que nos fez experimentar mais as nuances da baía; eles estão presentes no episódio 0, intitulado *Uma carta à vivacidade da Baía de Guanabara*.

Os meninos-peixes

Para quem contempla diariamente a Baía de Guanabara, não é estranho dizer que há nela algo mágico que faz com que ela nos engula e nos cuspa diariamente. Há movimentos, fluxos de forças que nos puxam e nos arrastam com diferentes medidas, produzindo constantes rearranjos nessa paisagem e em quem se dedica a ela. Basta olhar; ou melhor, basta prestar atenção. E ao fazer isso, você corre o risco de ser atraído ou encantado pela baía, o que te abrirá à possibilidade de experimentar um outro olhar e, quem sabe, um outro tempo. Talvez tenha sido assim que os pulos dos *menino-peixes* se tornaram pequenos exercícios para lançarmos novos olhares para a Baía de Guanabara.

Esse conceito, *meninos-peixes*, veio de uma relação que criamos com a Baía de Guanabara. Para situar vocês, nós estamos falando aqui do Museu do Amanhã - a instituição em que trabalhamos. Então em alguns dias da semana, nós atravessamos a praça Mauá, no centro do Rio de Janeiro, para chegar no museu. Esse percurso nos coloca frente a frente com a Baía de Guanabara e, o contato diário, nos coloca, inevitavelmente, na posição de contempladores. Em relação às águas, podemos dizer que tem dias que a maré está muito baixa logo pela manhã, mas isso é bem raro. Na maioria dos dias, a baía está com a maré alta. Há dias em que a gente experimenta ver a baía



toda enevoadada, não dá para ver do outro lado da margem; e nos dias de vento, as águas da baía ficam um pouco agitadas, formando pequenas ondas - geralmente acontece como um prenúncio de chuva - chega a ser impressionante, sobretudo porque raramente suas águas são agitadas. No inverno, há um vento frio que nos faz ter outra sensação térmica. E o pôr do sol nos dias de outono e inverno são um espetáculo à parte. O céu fica lindo.

Entre as coisas que nos chamam muita atenção nessa dinâmica do caminho para o museu são os meninos que se reúnem ali no cantinho da praça Mauá, sobretudo no verão - época de muito calor e de férias, para brincar de pular nas águas. De repente tem três meninos e daqui a pouco, tem uns dez ou doze pulando, rindo e brincando. Quando alguém chega perto, eles se intimidam e ficam desconfiados, algumas vezes param de pular. Mas se você observar de longe, é possível ver a sociabilidade deles, se abraçando, comentando dos pulos, aplaudindo os que pularam bonito ou tentando ensinar uns aos outros a ciência de um belo pulo com seus processos de devir-menino. Ali, no cantinho da baía onde eles pulam tem uma escada por onde eles retornam para a praça e pulam novamente. Já teve quem tenha conseguido fazer belas fotos desses meninos - nós, até então, temos contemplado de longe.

De tempos em tempos, também é possível também ver os peixes pulando nas águas da baía de Guanabara. Eles pulam e se jogam de lado, fazendo um movimento de U com o corpo como quem almeja - suposição nossa - fazer força para espirrar mais água. Tem dias que eles estão mais pulantes: talvez pelas correntes marítimas; talvez fugindo de predadores; talvez tentando se livrar de algo que grudou no corpo; ou talvez como uma brincadeira de peixes, também a fim de movimentar o mundo. De repente, o pulo dos peixes é um aceno para pensarmos em um possível pular por pular, sem que isso tenha alguma utilidade ou razão. Algo do tipo, eles pulam porque pulam, porque sentiram vontade de pular ou necessidade de pular: um devir-peixe.

Talvez tenha sido assim que nos encontramos com os meninos-peixes, esses que se dedicam aos pulos na Baía de Guanabara: ora peixes, ora meninos, ora meninos-peixes. Acreditamos que há nesses meninos um devir-peixe que os conecta à baía de Guanabara, mas também há um devir-menino nesses peixes que agarram nossos sentidos ao se lançarem com esses pulos ornamentais. A cada pulo, um novo movimento é inaugurado e repentinamente, meninos e peixes já não são mais os que são, tornam-se outros, o que nos faz titubear em relação aos



entendimentos que temos do que convencionamos chamar de meninos e de peixes. Certamente, há algo que atravessa essa relação entre eles que faz com que ambos sigam tendo a vontade e/ou a necessidade de pular. O que a gente sabe é que os menino-peixes que pulam na baía têm em comum essa habilidade e a destreza de mudar o mundo: a cada pulo, um novo convite ao olhar. Quem sabe, um novo olhar é fisgado pela magnitude do ato de pular. E isso, que é imperceptível nesses pulos desses praticantes, é o que intensifica a vida na/e da Baía de Guanabara.

Precisamente por esses movimentos que dão novos contornos a essa paisagem da baía, acreditamos termos sido convidadas a praticar pequenos exercícios para aprender a escutar os meninos-peixes, sobretudo nesses tempos que vivemos marcados pelas mudanças climáticas que nos convocam a criar outros modos de habitar o planeta. Luiz Orlandi (2015, p. 2), ao falar dos encontros, coloca em relevo um ponto interessante: “escolher esta ou aquela via nos emaranhados do território vivencial implica um complexo envolvimento da própria volição com quebradiças condições não transparentes à consciência”. E é ele também que nos faz questionar sobre como começamos a olhar os meninos-peixes em seus movimentos na baía; Orlandi, continua: “É num estado de profunda ignorância que se vive, **aqui-e-agora**, na imanência de desafiadoras condições do sentir, do pensar, do agir... condições cujos blocos se recombina a cada lance dos corpos” (p. 2. Grifo nosso).

São esses novos sentidos ao olharmos para os pulos dos meninos e dos peixes que movimentam e dão vida à escrita deste texto; e esse é um exercício de desintoxicação de mundo, na certeza que estamos sendo convocadas a isso desde que começamos a contemplar a baía. É assim que temos sido levadas a questionar essa política de habitar o mundo que nos leva a pensar nas coisas pela utilidade que têm ou nos faz cair sempre em representações de um mundo pronto, balizado por uma lógica do lucro e da exploração. Estamos com isso tendo uma oportunidade de caminhar pelo mundo, não com o intuito de compreender cognitivamente tudo ao redor, mas de nos deixarmos ser afetadas por esses detalhes que usualmente são invisibilizados. Essas nossas experimentações em formas desses exercícios com o mundo têm puxado um fio para pensarmos na política do silêncio, proposta por David Lapoujade (2014), para repensarmos a política dos nossos encontros e nossos modos de conhecer e sentir os movimentos de vida.

Os meninos-peixes são, portanto, esse convite ao aqui-e-agora.



Aqui-e-agora

Os meninos-peixes nos ajudam a formular o problema. Não queremos romantizar o fato desses meninos estarem pulando nas águas da Baía de Guanabara. O que buscamos aqui foi entrar em exercício para pensar-com eles, pensar em como eles delineiam um problema com seus pulos. Partimos de um pressuposto, em consonância com Guattari (2017), que a crise ecológica que experimentamos é também uma consequência do empobrecimento das nossas práticas e dos nossos modos de viver juntos. Na medida em que práticas são apagadas e/ou marginalizadas, nosso leque de possibilidades de experimentação também diminui e com eles, nossos gestos também vão desaparecendo; e na medida que os gestos somem, nossas solidariedades também vão se esvaindo. O que estamos dizendo com isso é que os meninos-peixes nos fazem pensar na forma como temos criado nossas alianças e em como temos sido afetadas pelo mundo: eles nos fazem sentir ao nos abrir para a experiência do olhar. E olhar, claro, só pode ser com o corpo todo.

Estamos, portanto, falando das nossas subjetividades e da forma como têm sido forjadas para atender uma lógica hegemônica. Essas forças hegemônicas capturam e moldam o mundo, nos direcionam para uma mesmerização do olhar e do sentir, como se as coisas estivessem sempre prontas de antemão. Como se toda caminhada fosse por um mesmo caminho e chegasse a um mesmo lugar, sem que experimentássemos as afetações do caminhar. Nesse sentido, ao nos aproximarmos dos meninos-peixes temos a oportunidade de perceber as subjetivações que são impostas aos nossos olhares - e nos fazem resumi-los a um único sentido. A partir disso, experimentaremos uma fresta como quem traça uma linha de fuga para desestabilizar as significâncias e das representações, para pensar em novas composições com a Baía de Guanabara. Este é um modo que encontramos de honrar a experiência do encontro com os meninos-peixes, como nos sugere Isabelle Stengers (2017), “[...] recuperar a capacidade de honrar a experiência, toda experiência que nos importa, não como “nossa”, mas sim como experiência que nos “anima”, que nos faz testemunhar o que não somos nós” (2017, p. 11).

Se olharmos à nossa volta, podemos ver que o mundo que habitamos está cheio de clichês - são eles que nos aprisionam, se apropriam das nossas subjetividades e nos colocam a serviço da engrenagem dessa máquina que esmaga as sensações do mundo. Então, paramos de sentir as coisas do mundo, perdemos nossas sensações. Meninos pulando seriam apenas meninos pulando,



nada demais: essa é a constatação para afirmar que a vida parou, o coração deixou de pulsar. Fomos capturados, mesmerizados e perdemos a cadência da vida.

Na medida em que estamos diante de um mundo pronto é porque perdemos nossa capacidade de contemplá-lo, de prestar atenção, de observá-lo, nos tornamos igualmente inertes no mundo e as máquinas de fazer clichês nos aniquilam, nos fazem perder nossa capacidade de imaginar. Uma falta de imaginação meticulosamente produzida, como bem nos alertam Stengers e Pignare (2018). “Interpretar o mundo não é conhecê-lo, mas criá-lo. É criando o nosso mundo que nos tornamos cocriadores do mundo, porque sem nós, sem nossa interpretação, esse mundo que é nosso não poderia existir” (2011, p. 16-17). Logo, ao arrastarmos os clichês para os limites, temos a possibilidade de arreventá-los. É isso que vai nos abrir para a experiência de cocriação de mundos, um modo de honrarmos a experiência.

Para honrarmos nossas experimentações com o mundo, precisamos falar um pouco sobre os modos como convencionamos olhar as paisagens, entre elas, a Baía de Guanabara. Fomos e temos sido subjetivados por um sistema econômico-político, incansável em suas tentativas de cimentar nossos afetos, isto é, nossa potência de nos afetarmos e agirmos: o quão porosos estamos para o mundo? Estamos falando de um sistema incansável em criar máquinas de fazer clichês que nos capturam e nos faz ser parte da engrenagem que sustentam um mundo padronizado. Essa máquina só perpetua a si mesma e vai engolindo tudo o que pode. A cada padrão produzido, diminuem a diversidade das experimentações e findam por mecanizar nossos de estar no mundo e de pensar, de agir, de sentir...assim, amarram nossos modos de amar, de olhar, de sentir, de imaginar, etc., forjam nossos afetos e fazem desaparecer nossos gestos, agora reduzidos à expressividades empobrecidas. De tal forma que andamos pelo mundo como quem não sai do lugar, sem prestar muita atenção aos detalhes - exatamente onde a vida se insufla. Com isso, perdemos as pequenas brechas e a possibilidade de encantamento, uma vez que tudo ao redor parece pronto e posto. Por que olhar para os meninos-peixes?

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às



relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (Guattari, 2017, p. 9).

Mas nenhuma revolução tem seu sucesso para além das vibrações que produz em que a experimenta. Por isso, para que uma revolução aconteça é preciso um pequeno movimento, algo que nos desestabilize, nos faça titubear, derrapar, perder as certezas. E para isso, nossos sentidos precisam ser reativados para olhar os clichês e traçar linhas de fuga para sair de suas lógicas. É preciso estar aberto a dançar uma nova dança, a encontrar um novo pensamento, um novo gesto e com isso deixar com que as novas experimentações ganhem força. Talvez a gente precise aprender a ser engolido e cuspidor. Assim, conseguiremos resgatar essas zonas que foram devastadas pela experimentação capturadas por essa lógica única de habitar o mundo (Stengers, 2017).

A Baía de Guanabara está imantada de clichês. Olhamos para ela e de antemão já a vemos como poluída, suja, morta e sem vida. Vendo-a assim, nos perguntamos: então, para que nos importarmos com ela? Por que insistir que ela siga existindo? É aqui que nos conectamos com os meninos e com os peixes, pois eles nos abrem à oportunidade de experimentarmos uma pequena revolução. É a força desse gesto menor (Manning, 2019), que nos faz olhar para a baía, que nos abre para a experiência e para a potência de variação: certamente não seremos mais os mesmos depois de exercitarmos o olhar para complexificar a teia de sensações. O mundo passa então a ser cocriado genuinamente com essas novas sensações. Por isso, romper com os clichês é resgatar a vida de onde ela foi aprisionada. De repente assim, podemos nos tornar capazes de contar novas histórias; ou ao menos temos a chance de tentar.

São essas sensações do aqui-e-agora com os meninos-peixes que nos fazem derrapar no chão em que pisamos, que nos fazem gaguejar na nossa própria língua, que nos abrem à inesperada incerteza da experimentação. E assim, com eles, experimentamos um incidente nesse percurso que parecia certo, preestabelecido e desorganizado. Essa abertura que eles nos dão é que nos fazem pensar no que pode passar a ser pensado e considerado nessa paisagem.

Esses meninos-peixe são fragmentos que compõem a baía e, como todo fragmento, são inacabados. Ao nos oferecerem a peculiaridade de serem inacabados, nos ofertam um infinito de possibilidades: é quando a vida aprisionada extravasa. Isso nos faz pulsar ao nos devolver nossas capacidades de imaginar, de prestar atenção, de agir, sentir e pensar. É como se estivéssemos



sendo desenfeitiçados desses feitiços capitais (Pignare; Stengers, 2018). Talvez tenha sido assim que nos pegamos pensando-com os meninos-peixes. De uma maneira muito despretensiosa começamos a observá-los ali na ponta da baía: intempestivos meninos-peixes.

Todo encontro ordinário, portanto, está exposto à possibilidade de uma reviravolta instantânea que pode projetar tudo para fora dos eixos. É como se a própria vida se sentisse abalada por esse vinco em que uma experiência ordinária é dobrada junto a outra, a extraordinária. Pressentimos que a efetiva complexidade da experiência dos encontros depende do que se passa nessa dobra, razão pela qual é preciso buscar sua explicitação. Cada um sente e exprime a seu modo essa ocorrência simultânea de linhas divergentes, a estranha dobradura na qual os juntados experimentam seu próprio vínculo como sendo aquilo que os lança num tempo fora dos eixos [...] (Orlandi, 2014, s/p).

Estamos diante deles, mas também distantes. Olhando cada pulo, escutando as risadas desses meninos-peixes que ganham mais volume por serem várias; provavelmente são moradores da região, uma região com uma ocupação complexa. Ocupação que se deu de forma predatória, baseada na exploração da natureza, causando uma série de modificações no ecossistema local. O processo envolveu o corte e desmonte de morros, a remoção da vegetação nativa, a destruição de manguezais e praias, além da construção de aterros. Tudo em prol do "desenvolvimento" e da "revitalização" da região. Revitalizar nos moldes capitais beneficia apenas determinados segmentos da sociedade, resultando na exclusão dos mais vulneráveis, que não têm acesso aos novos serviços. É fingir que não havia vida e fazer renascer apenas para torná-la interessante financeiramente.

Ainda assim, meninos-peixes fazem da baía um lugar de alegria - talvez como uma forma de salvaguardar o lugar; são eles que nos fazem perceber e prestar atenção nessas forças sociais que carregam em seus pulos. Os pulos passam a ser uma atuação política no mundo, um modo de convocar nossos sentidos. Concordamos com Lapoujade (2014) quando ele diz que a política começa com os afetos: no silêncio dos pulos, os meninos-peixes dizem muitas coisas. Seria então essa a função política dos pulos silenciosos e coletivos, a de "fazer existir o que é sem voz, sem visibilidade. Literalmente, *não se fala mais*. O eu não fala mais, o nós não fala mais; passa-se a ser



o porta-voz do inaudível ou dos gritos silenciosos que excedem todos os modos de comunicação”? (Lapoujade, 2014. s/p. Grifos do autor).

O convite que nos fazem é o de prestarmos atenção naquilo que é inaudível na paisagem que compõem a Baía de Guanabara. Esse silêncio que Lapoujade fala não é o silêncio da ausência de palavras, mas o silêncio quando as palavras não dão conta daquilo que sentimos e percebemos nas paisagens. “Enfim, há um silêncio que não se insere na trama da linguagem, mas que tenta, ao contrário, sair dela” (s/p.). É nesse limite que as forças sociais afloram, ganham força e trazem novidades para a paisagem, por não caber mais nela mesma. E são eles que fazem também essa paisagem existir, são eles também que nos asseguram a vivacidade da baía.

Então, em que pode consistir uma política do silêncio? Para responder a essa pergunta, é preciso esclarecer a natureza dessa matéria não linguística que chamamos aqui silêncio, para além do quadro descrito por Henry James. Certamente o silêncio que ele invoca faz apelo, como dizíamos, a outras forças sociais, como a simpatia, a intuição e outros processos de comunicação que não passam pela linguagem, mas dos quais a linguagem resulta depois. Tal é o sentido desse silêncio, o de reconhecer outras forças sociais que não aquelas que, por assim dizer, já estão integradas no campo social, já moldadas, sociáveis, na forma da linguagem (Lapoujade, 2014, s/p).

O que nos dizem esses meninos-peixes com seus pulos? Esses que se entrelaçam à Baía da Guanabara e fazem dali um lugar de infância, de brincadeira, de socialização, de alegria com e pelos peixes; esses que nos fazem ver a vida que existe, insiste e persiste na baía a cada pulo; esses que agarram nossos olhares, como quem diz: o que você consegue perceber quando pulo e movimento a baía? Agora vocês nos vêem aqui? “Basta um instante para que tudo seja percebido de outro modo” (Lapoujade, 2014, p. 63). São eles que, com maestria, fazem desses instantes quase como um incidente de percurso e nos apresentam a baía em seus rearranjos, viva apesar de todos os impactos que a encontram; segue nas suas tentativas de ser um lugar habitável pelas alianças que podem ali coexistir. Nessas coexistências, a baía se torna outra e ganha força.

O que há de político no pulo desses meninos-peixes? Como eles nos arrebatam e nos impulsionam a pensar em um compromisso ético de e com o mundo? Talvez por isso, toda política seja uma micropolítica: como esses pequenos mundos se destacam de um mundo maior e ganham força para criar outros mundos, para imaginar essas movimentações e nos colocar diante desse



compromisso de pensar: que mundo queremos habitar coletivamente? Na medida em que ganham espaço, essas micropolíticas nos fazem almejar outras paisagem em que esses meninos-peixes sigam arrancando dela essas sensibilidades para mostrar para nós o que ainda não estamos nem vendo, nem sentindo. Então a gente faz da causa deles, embalada pela necessidade dos pulos, uma causa também nossa: queremos ver mais e mais meninos e peixes pulando na baía.

Marisol de La Cadena diz que “[...] nada vem sem o seu mundo” e ali estão os meninos-peixes, na curva da praça Mauá pulando na baía de Guanabara carregando com eles os mundos aos quais estão em alianças, contando as histórias dos seus afetos. Reaprendemos a olhar, a prestar atenção, a contemplar e a pensar. Talvez os meninos e os peixes estejam fazendo como fazem os artistas que subtraem da paisagem algo ainda invisível e os tornam visíveis. São testemunhas de um mundo por vir, que agora eles nos fazem enxergar. Um mundo que está ali à espreita esperando um pequeno movimento que o faça existir: os menino-peixes em seus instantes com a Baía de Guanabara, mergulhados em suas criações de pulos autorais, povoados por seus desejos de infância, uma infância viva, permeada pelo improvisado que os fazem vibrar. E ao vibrar, eles se misturam com um mundo que estava pronto antes deles chegarem e que agora eles desmancham esses padrões, provocam o desconcerto do mundo. Estão ali, em busca de uma tática que os possibilitem encontrar um pulo que produza, minimamente, um pequeno maravilhamento - atestado pelas palmas, gritos e celebrações dos que estão presentes.

Eles que nos fazem devir-mundo, o que nos fazem ser engolidos e cuspidos a cada novo olhar para a baía. Já não somos mais as mesmas; nem eles são... nem mesmo a baía é...

Bibliografia

DIAS, Rosa. Nietzsche, vida como obra de arte. **Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, 2011.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Editora Companhia das Letras, 2019.

LAPOUJADE, David. O inaudível—uma política do silêncio. Mutações: o silêncio e a prosa do mundo. São Paulo: **Edições Sesc São Paulo**, p. 151-165, 2014.



LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MANNING, Erin. Proposições para um movimento menor. **Moringa**, v. 10, n. 2, p. 11-24, 2019.

ORLANDI, Luiz. Um gosto pelos encontros. **Territórios da Filosofia**, 2014.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. **Caderno de leituras**, v. 62, p. 1-15, 2017.

STENGERS, Isabelle; PIGNARRE, Philippe. **La brujería capitalista: prácticas para prevenirla y conjurarla**. Hekht libros, 2018.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Museu do Amanhã. Email: vitória.holz@idg.org.br

[2] Museu do Amanhã. Email: fsfonseca@gmail.com